



A EMPATIA PODE TER ALGUMA RELAÇÃO COM OS CONCEITOS DE JULGAMENTO E RECONHECIMENTO PROPOSTOS PELA PSICODINÂMICA DO TRABALHO?

Palavras-Chave: Empatia, Avaliação/Julgamento, Relação

Autora: Bruna Peres Teixeira, FCA/UNICAMP

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Francisca Bezerra Gemma, FCA/UNICAMP

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como objetivo compartilhar quais foram as principais contribuições que os estudos realizados trouxeram consigo. Para isso, será feito primeiramente uma contextualização sobre a pesquisa em si e logo após a descrição dos resultados e discussões.

De forma sucinta, o que se pretendeu fazer foi compreender se a empatia possui alguma relação com a área de conhecimento da psicodinâmica do trabalho, com foco na dinâmica de avaliação e julgamento que ocorrem nesta teoria como forma de reconhecimento, mais especificamente como retribuição simbólica. Para atingir o objetivo foi proposto realizar a leitura de uma das obras Theodor Lipps onde foi apresentado o primeiro conceito de empatia e seus desdobramentos no campo da psicanálise; além de trabalhos produzidos por Christophe Dejours, considerado edificador da psicodinâmica do trabalho. Por fim, foi realizada a verificação de se a empatia pode ser considerada uma variável na dinâmica avaliação/julgamento e seus possíveis impactos na vida do trabalhador.

Com o início da pesquisa, foram realizadas leituras relacionadas à Theodor Lipps, filósofo alemão considerado o pai da empatia, para entender seu contexto e a definição por ele adotada para este termo. Em seguida, os estudos se direcionaram para Sigmund Freud, com objetivo de localizar indícios de Lipps em suas obras para que fosse possível estabelecer um vínculo entre Lipps e Dejours, pois Christophe Dejours na construção de conhecimento da área de psicodinâmica do trabalho usa como base os saberes da psicanálise registrados por Freud.

RESULTADO E DISCUSSÕES:

THEODOR LIPPS

A obra *Estética Espacial e Ilusões Ópticas Geométricas* (1897) de Theodor Lipps foi onde o autor definiu o que é empatia, algo afirmado no artigo *Theodor Lipps e o Conceito de Empatia: 1851-1914* (2008), escrito por Montag, Heinz e Gallinat. Nesse trabalho os autores afirmam que Lipps é considerado o “pai da empatia” porque foi ele quem criou a primeira teoria científica de *Einfühlung*, palavra que foi traduzida do alemão para o inglês como *Empathy* e para o português como *empatia*.

Porém, por mais que os autores digam que Lipps é o pai da empatia, no artigo *Uma Introdução à Empatia* (2015) escrito por Robin Curtis e traduzido para o inglês por Richard George Elliott, a autora afirma que o Lipps foi considerado originador da empatia de forma errônea, mas que ele teve um papel fundamental no estabelecimento das questões da empatia no campo da psicologia.

Essa contestação feita pela autora é decorrente do fato do termo *Einfühlung* ter sido utilizado antes de Lipps, onde o primeiro registro encontrado foi de 2 de fevereiro de 1757 em uma carta de Gotthold Ephraim Lessing para Moses Mendelssohn (CURTIS, 2015), que falava sobre a diferença entre afetos, diferenciando-os em primeiro afeto e segundo afeto, onde o primeiro é aquele experimentado pela pessoa, e o segundo é aquele que desempenha um papel subsidiário. A reflexão proposta pelo autor estava inserida no contexto da era do romantismo alemão, onde se buscava explicar a sublime experiência da natureza através das artes (ETLIN, 1998) e a palavra *Einfühlung* surge como uma tentativa de expressar o que se sente em relação à

natureza e por isso a necessidade de diferenciar aquilo que se sente quando vivencio algo, que no caso seria o primeiro afeto, do que se sente a partir do relato da situação vivida por um outro alguém, sendo este o segundo afeto.

Considerando esse contexto, vale compartilhar a análise etimológica da palavra *Einfühlung* que, segundo o dicionário alemão Cassell's New German Dictionary (1939), é composta pela raiz “Ein” mais “Fühlen” que significam, respectivamente, “dentro” e “sentir”, sendo que “Fühlen” pode se referir à uma experiência tátil e/ou emocional. Essa noção se conecta justamente com o que Lessing tentava transmitir em relação ao segundo afeto.

O que no século XVIII foi usado para compreender a natureza por meio do *Einfühlung*, com o passar do tempo foi evoluindo e incorporando novas noções e abordagens. No século seguinte o termo foi usado para compreender a estética, com intuito de possuir um conceito analítico que descrevesse os fenômenos, algo afirmado por Richard Etlin em seu artigo *Estética e o Senso Espacial do Self*. Segundo Johann Georg Sulzer, o precursor dos chamados “filósofos do *Einfühlung*” do século XIX, a palavra estética vem do grego que significa a ciência dos sentimentos e que é uma ferramenta para entender a “natureza da alma”. Curtis em seu artigo também afirma que a finalidade do conceito empatia era alcançar a proximidade com a natureza.

Essa proximidade dos filósofos para com a estética justifica, como exemplo, o porquê a cadeira que o Lipps ocupou como professor na Universidade Ludwig-Maximilians em Munique onde lecionava, era chamada de *Inhaber des Lehrstuhls für systematische Philosophie*, o que pode ser traduzido como Titular Da Cadeira De Filosofia Sistemática (CURTIS, 2015), já que a estética está inserida na filosofia sistemática. Além disso, também justifica o porquê o nome do livro onde o autor definiu a sua versão do conceito de *Einfühlung* ser *Estética Espacial e Ilusões Ópticas Geométricas* (1897).

O conceito de Lipps surge para explicar ilusões de ótica. Ele recebeu destaque e por isso o título de “pai da empatia” pois para ele a empatia não é somente um processo estético, mas também um processo social e psicológico, baseado em uma imitação instintiva e involuntária do outro (CURTIS, 2015). “Ele seguiu a opinião de Helmholtz, que os considerou como erros de julgamento e não como erros de percepção. O julgamento é formado com base na experiência pessoal anterior por analogia e inferência inconscientes” (MONTAG, HEINZ, GALLINAT; 2008, p.1261, tradução livre).

Para Montag, Heinz e Gallinat, o diferencial do Lipps era que “ao contrário de seus antecessores, ele usou a noção de *Einfühlung* para explicar não apenas como as pessoas experimentam objetos inanimados, mas também como eles compreendem os estados mentais de outras pessoas.” (MONTAG, HEINZ, GALLINAT; 2008, p.1261, tradução livre). Para exemplificar esse ponto, o autor fala sobre o impulso reativo que uma pessoa sente ao ver um malabarista se equilibrar em uma corda bamba. Nas próprias palavras do Lipps “sintome dentro de uma coisa percebida, esforçando-me para executar um movimento” (CURTIS, 2015, p.356, tradução livre).

SIGMUND FREUD

A cadeira que Lipps ocupou como professor na Universidade Ludwig-Maximilians em Munique onde lecionava, era chamada de *Inhaber des Lehrstuhls für systematische Philosophie* o que pode ser traduzido como Titular Da Cadeira De Filosofia Sistemática (CURTIS, 2015). Enquanto ocupava o cargo, a cadeira mudou de nome e passou a ser chamada de *Inhaber des Lehrstuhls für Psychologie und Philosophie*, que pode ser traduzida como Titular da Cadeira de Psicologia e Filosofia (CURTIS, 2015). Essa mudança simboliza que por mais que Lipps fosse um filósofo, ele possuiu conexões e contribuições com o campo de estudos de psicologia.

Além disso, existem evidências de que o Freud e o Lipps tiveram algumas conexões no passado, como pode ser visto no livro *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, 1986, onde, em uma das cartas, Freud afirma “encontrei a essência de meus entendimentos muito claramente explicitada em Lipps, talvez mais até do que eu gostaria”. (FREUD, 1898, p.326). Também é possível encontrar em outros textos pessoas afirmando que Freud era um grande admirador do Lipps (MONTAG, HEINZ, GALLINAT; 2008), algo compreensível, já que Lipps era muito próximo dos estudos da psicologia. Porém, por mais que seja possível encontrar evidências da proximidade de Freud com Lipps, isso não fica necessariamente explícito nas obras de Freud, principalmente quando se fala de empatia.

Em artigo escrito por Peter Shaughnessy intitulado *Empatia e Aliança de Trabalho: o erro de tradução de Einfühlung de Freud (1995)*, o autor afirma que a ausência da palavra empatia nas obras de Freud são consequências de erro de tradução da palavra *Einfühlung* para o inglês. O texto fala sobre a aliança de trabalho, que foi definida por Freud como sendo a relação terapeuta e paciente, e que nesse processo a empatia era uma condição necessária, porém isso não foi afirmado de forma explícita. Para exemplificar a sua afirmação, o autor pega um trecho do ensaio de Freud “O Começo do Tratamento” (1913) que fala sobre o desenvolvimento do processo de transferência, onde, nesse trecho, na tradução, *Einfühlung* foi traduzido para compreensão simpática. O autor afirma “ao aceitar a tradução de *Einfühlung* como compreensivo, simpático, os leitores de Freud da língua inglesa perderam a nuance de seu pensamento sobre o que emergiu como um construto vital na pesquisa e prática atual da psicoterapia”. (SHAUGHNESSY, 1995, p.225, tradução livre).

Por fim, algo que Shaughnessy cita é que toda vez que foi usada a palavra *Einfühlung* nas obras de Freud, foi para relatar “uma experiência profundamente sentida em que uma pessoa tenta compreender completamente, tanto cognitiva, quanto afetivamente, as experiências internas de outra pessoa e para então comparar a experiência do outro com a sua própria.”

CHRISTOPHER DEJOURS

Quando foi iniciado os estudos sobre Christopher Dejours, teve-se como objetivo investigar se dentro do processo de avaliação de um sujeito para com o trabalho do outro existe a empatia. Esse questionamento surgiu a partir da afirmação do Dejours de que o sofrimento no trabalho pode conduzir ao suicídio e um dos motivos que podem levar ao sofrimento e potencialmente ao suicídio é a ausência da retribuição simbólica (DEJOURS, 2013, p.19). Este tipo de retribuição é fruto do julgamento do outro para com o indivíduo e com o seu trabalho e tem como resultado o reconhecimento, que justifica o sofrimento e conduz ao prazer. Nas palavras do autor, “O reconhecimento [...] tem um impacto considerável sobre a identidade. É graças ao reconhecimento que uma parte essencial do sofrimento é transformada em prazer no trabalho.” (DEJOURS, 2013, p.19).

As questões que o presente trabalho buscou responder era se no processo de julgamento e reconhecimento, a empatia desempenhava algum papel e se ela pode ter algum impacto positivo na vida dos indivíduos e conseqüentemente diminuir casos de suicídio no trabalho.

Foram levantados alguns possíveis ganchos de onde a empatia poderia se relacionar com a psicodinâmica do trabalho, visto que não foram encontradas evidências explícitas sobre qual a opinião de Dejours em relação à empatia.

Algo que o autor fala é sobre alguns conceitos que podem ser considerados semelhantes à empatia, como é o caso da compreensão, cooperação e trabalho coletivo. O autor afirma que “a deontologia do saber beneficia a civilidade, o viver junto e a compreensão” (DEJOURS, 2012, 99). Porém ele não entra em detalhes do que ele considera como compreensão ou então qual conceito está sendo mencionado.

Para Dejours, a cooperação é definida como “pensar o que é necessário implementar para se constituir uma equipe ou um coletivo unido para trabalhar junto” (DEJOURS, 2012, p.76). Para que a cooperação seja possível no ambiente de trabalho, Dejours afirma que são necessários seis valores, sendo eles: visibilidade, confiança, controvérsias e deliberações, arbitragem, e o consentimento e disciplina (DEJOURS, 2012, p.89). A visibilidade é ter, de forma explícita, visibilidade do que se faz e como se faz; a confiança, que serve para mostrar a visibilidade do seu trabalho sem medo de ser julgado ou então ter o seu *modus operandi* apropriado por um colega; as controvérsias e deliberações, que é a liberdade de agir do modo que se age; arbitragem, que é aquela característica que faz com que, na ausência de deliberação, alguém fique responsável por ditar as regras; e o consentimento e disciplina, que é o consenso de todos os trabalhadores pautados em um acordo em comum.

Já o trabalho coletivo, para o autor, é fruto da “mobilização das inteligências individuais” (DEJOURS, 2012, p.79) e que para o trabalho dar certo é necessário que essas inteligências sejam harmônicas. Dessa forma, o autor destaca a importância que o coletivo possui nas dinâmicas do trabalho.

Neste contexto, algo que o autor se opõe é aos métodos avaliativos individuais, pois este impacta o trabalho coletivo. Dejours afirma que “a introdução sistêmica de métodos de avaliação individual de

desempenho esmaga, de forma inexorável, os espaços de deliberação coletiva a partir do momento em que cada um aprende a calar-se, a desconfiar dos demais devido aos efeitos devastadores da concorrência generalizada que chega aos limites da deslealdade entre os colegas.” (DEJOURS, 2012, p.86), ressaltando dessa forma o quão problemático pode ser olhar de forma individual para uma pessoa que também é resposta do coletivo onde está inserida.

É possível notar que o autor não menciona a empatia, somente aponta valores que por mais que sejam importantes não se assemelham com o conceito de *Einfühlung* de Lipps. De uma forma geral, quando Dejours fala sobre avaliação e julgamento no trabalho, ele contextualiza algum problema e encerra afirmando sobre a importância de determinadas variáveis no processo de busca por soluções, e é nesse momento que ele cita a compreensão, mas não há um aprofundamento de onde ele trás o conceito, quem o teorizou ou algo relacionado.

TRAJETÓRIA DA EMPATIA

Visto que não foi possível encontrar evidências nos trabalhos de Dejours nem do conceito de *Einfühlung* de Lipps nem de empatia no geral, a pesquisa buscou localizar então como que o termo da empatia se comportou com o passar do tempo.

Em estudo realizado por Etlin (1998), o autor faz uma análise temporal do comportamento do termo *Einfühlung*, destacando três principais períodos: século XVIII, onde John Baillie e Edmund Burke buscaram explicar a natureza da experiência sublime; século XIX, onde filósofos do *Einfühlung* foram os primeiros a considerar a estética e a sua relação com o sentido espacial do self; e, 1930, com estudos de doenças psiquiátricas, que se tornou um ponto de partida para reflexões da fenomenologia do sentido espacial do self, tendo como exemplo, dentro da fenomenologia, Edith Stein como filósofa que abordou o tema da empatia em sua tese de doutorado intitulada “Sobre o Problema da Empatia” (1917).

Como é possível ver com Freud, devido ao erro de tradução, por mais que o termo *Einfühlung* não seja indicado de forma explícita, é possível reconhecer que o conceito avançou na psicologia (CURTIS, 2015). Uma outra área que teve avanço nos estudos sobre empatia foi a neurociência (CURTIS, 2015), a partir da descoberta dos neurônios espelho na década de 90 com base em experiências com macacos (ROBIN, 2015). Por mais que tenha sido um grande passo a descoberta dos neurônios espelho, “ainda não é possível determinar em que medida experiências complexas como emoções pode resultar em uma transferência emocional” (CURTIS, 2015, p.357), ou seja, ainda não há evidências de que os neurônios espelho sejam responsáveis pela empatia, mas é algo que está sendo pesquisado.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos feitos sobre o conceito de empatia proposto por Theodor Lipps e o conhecimento adquirido pelo tema, da compreensão de como Lipps impactou a construção de conhecimento de Sigmund Freud e como este, que inspirou Christopher Dejours na criação da área de conhecimento da psicodinâmica do trabalho, não foi possível encontrar nenhuma evidência que indicasse explicitamente a empatia no processo de reconhecimento e julgamento, nos moldes propostos por Dejours. Porém, a partir de buscas realizadas em outras áreas do conhecimento, foi possível descobrir que o termo avançou, por exemplo, na fenomenologia, psicologia e neurociências.

BIBLIOGRAFIA

ARENDDT, H. **Crises of the republic**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1969.

CURTIS, R. An Introduction to *Einfühlung*. **Art in Translation**, v. 6, n. 4, p. 353-376, 2015.

CURTIS, R. *Einfühlung* e Abstração na Imagem em Movimento: reflexões históricas e contemporânea. **Revista Eletrônica MAPA D2 - Mapa e Programa de Artes em Dança (e Performance) Digital**, Salvador, v.3, no. 1, p. 9-38, jun. 2016.

- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- DEJOURS, C. A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, [S.I.], v. 33, no. 2, p. 9-28, 2013.
- DEJOURS C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. 12 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2011.
- DEJOURS, C.; BEGUE, F. **Suicídio e Trabalho: o que fazer?** Brasília: Paralelo 15, 2010.
- DEJOURS, C.; GERNET, I. Évaluation du travail et reconnaissance. **Nouvelle revue de psychosociologie**, v. 2, n. 8, p. 27-36, 2009.
- DEJOURS, C. **Trabalho, tecnologia e organização**: avaliação do trabalho submetida à prova do real: crítica aos fundamentos da avaliação. São Paulo: Blucher, 2008.
- DEJOURS, C. **Trabalho vivo**. Brasília: Paralelo 15, 2012.
- DEMAEGDT, C.; ROLO, D.; DEJOURS, C. Psychopathologie et psychodynamique du travail. **EMC - Pathologie professionnelle et de l'environnement**. [S.I.], v. 8, no. 3, jul. 2013.
- DECETY, J.; COWELL, J. M. The complex relation between morality and empathy. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 18, no. 7, p. 337-339, 2014.
- DECETY, J.; ICKES, W. **The Social Neuroscience of Empathy**. MIT Press, 2009.
- ETLIN, R. Aesthetics and the Spatial Sense of Self. **The Journal of Aesthetics and Art Criticism**, v. 56, n. 1, p. 1-19, 1998.
- LIPPS, T. **Raumästhetik und geometrisch-optische Täuschungen**. Leipzig: Barth, 1897.
- MAGRI, E.; MORAN, D. **Empathy, Sociality, and Personhood: Essays on Edith Stein's Phenomenological Investigations**. Springer International Publishing, 2017.
- MASSON, J. M. **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MONTAG, C; GALLINAT, J; HEINZ, A. Theodor Lipps and the Concept of Empathy: 1851–1914. **American Journal of Psychiatry**, v. 165, n. 10, p. 1261, 2008.
- PIGMAN, G. W. Freud and the history of empathy. **International Journal of Psychoanalysis**, v.76, p. 237-256, 1995.
- SIMONE, A. **Sobre um conceito integral de empatia**: intercâmbios entre filosofia, psicanálise e neuropsicologia. 2010. 180 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SHAUGHNESSY, P. Empathy and the Working Alliance: The Mistranslation of Freud's Einfühlung.
- STEIN, E. **On the problem of empathy**. Washington D.C.: ICS Publications, 1989.
- WAAL, F. **A era da empatia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.